

HUMANAS E SOCIAIS

V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2025v12n3p178-190



ATUAÇÃO CONTEMPORÂNEA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DE CRUZ DA MENINA NA FORMULAÇÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO

CONTEMPORARY AGENCY OF QUILOMBOLA WOMEN IN THE
TERRITORY OF CRUZ DA MENINA IN THE FORMULATION OF
FEMALE EMPOWERMENT

AGENCIA CONTEMPORÂNEA DE LAS MUJERES QUILOMBOLAS EN
EL TERRITORIO DE CRUZ DA MENINA EN LA FORMULACIÓN DEL
EMPODERAMIENTO FEMENINO

Fernanda Oliveira¹
Maria Emília Santos²

RESUMO

O momento presente é marcado pelo protagonismo feminino das mulheres quilombolas nas lutas coletivas pela terra/território (Silva, 2022), por saúde, educação diferenciada, dentre outros direitos humanos fundamentais para sobrevivência no século XXI. No território quilombola de Cruz da Menina, localizado na zona rural do município de Dona Inês, no estado da Paraíba, não é diferente, são as mulheres quilombolas que vêm trazendo mudanças sociais e políticas, transformando assim, a realidade de exclusões historicamente sofridas. Isto posto, nesse artigo, objetivamos visibilizar a atuação contemporânea das mulheres negras e quilombolas de Cruz da Menina, bem como a formulação de um empoderamento feminino por meio da Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombos Cruz da Menina (ACRQCM). Para tanto, utilizamos como metodologia a história de vida, que nos possibilita ter uma escuta comprometida, engajada e participativa (Silva; Barros; Nogueira; Barros, 2007). Ao fim, por meio das análises feitas, visualizamos que vem se sucedendo no território de Cruz da Menina um contínuo processo de empoderamento feminino (Berth, 2019).

PALAVRAS-CHAVE

Histórias das Mulheres. Mulheres Quilombolas. Cruz da Menina. Empoderamento.

ABSTRACT

The present moment is marked by the female protagonism of Quilombola women in collective struggles for land/territory (Silva, 2022), for health, differentiated education, among other human rights that are fundamental for survival in the 21st century. In the Quilombola territory of Cruz da Menina, located within the rural area of the municipality of Dona Inês, in the Brazilian state of Paraíba, it is no different. It is Quilombola women who have brought social and political changes, thus transforming the reality of historical exclusions. In this regard, this article aims to bring visibility to the contemporary actions of black and Quilombola women from Cruz da Menina, as well as the formulation of female empowerment through the Community Association of Quilombo Survivors Cruz da Menina - CAQSCM (Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombos Cruz da Menina - ACRQCM). To this end, we use life history as a methodology, which allows us to make use of a committed, engaged and participatory listening (Silva; Barros; Nogueira; Barros, 2007). In the end, through our analyses, we confirmed that a continuous process of female empowerment has been taking place in the territory of Cruz da Menina (Berth, 2019).

KEYWORDS

Women's Stories; Quilombola Women; Cruz da Menina; Empowerment.

RESUMÉN

El momento actual está marcado por el protagonismo femenino de las mujeres quilombolas en las luchas colectivas por la tierra/territorio (Silva, 2022), por la salud, la educación diferenciada, entre otros derechos humanos fundamentales para la supervivencia en el siglo XXI. En el territorio quilombola de Cruz da Menina, localizado en la zona rural del municipio de Dona Inês, en el estado de Paraíba, no es diferente: son las mujeres quilombolas las que vienen provocando cambios sociales y políticos, transformando así la realidad de las exclusiones que históricamente han sufrido. Dicho esto, en este artículo pretendemos visualizar el trabajo contemporáneo de las mujeres negras y quilombolas de Cruz da Menina, así como la formulación del empoderamiento femenino a través de la Asociación Comunitaria Remanente Quilombola de Cruz da Menina (ACRQCM). Para ello, utilizamos la metodología de la historia de vida, que nos permite escuchar de forma comprometida, comprometida y participativa (Silva; Barros; Nogueira; Barros, 2007). Al final, a través de los análisis realizados, comprobamos que en el territorio de Cruz da Menina se está produciendo un proceso continuo de empoderamiento femenino (Berth, 2019).

PALABRAS CLAVE

Historias de mujeres; Mujeres quilombolas; Cruz da Menina; Empoderamiento.

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo brasileiro, as mulheres quilombolas têm se mobilizado na luta pela terra e por políticas públicas historicamente negadas pelo Estado brasileiro à população negra, como saúde, educação e saneamento básico. Além dessas reivindicações, elas também denunciam o racismo e o sexismo vivenciados em suas trajetórias coletivas.

Em nível nacional, as mulheres quilombolas estão se organizando por meio do Coletivo de Mulheres da Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Esse coletivo surgiu da necessidade de atender e discutir as especificidades vivenciadas pelas mulheres quilombolas, além de organizar ações voltadas às suas demandas, como o enfrentamento da violência doméstica praticadas pelos seus próprios companheiros (CONAQ, 2020).

Foi fruto dessa mobilização nacional o livro *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas* (2020), organizado pela intelectual quilombola Dealdina. Ao longo da obra, são apresentados artigos escritos em primeira pessoa, nos quais é possível observar que as mulheres quilombolas de diversos territórios brasileiros relataram suas trajetórias, atravessadas por questões de gênero, raça, classe, entre outras.

Vale enfatizar que essas movimentações femininas não ocorrem apenas em nível nacional. Monteiro (2013) observou que as mulheres quilombolas da Paraíba “lutam no território e para o território”, pois estão atentas às questões de gênero e aos papéis machistas transmitidos há gerações pela lógica camponesa.

Monteiro (2013) prossegue pontuando que, na maioria dos territórios quilombolas paraibanos por ela pesquisados, as mulheres iniciaram um processo de ocupação de poder, rompendo com a lógica paternalista e machista que mantém as divisões sexuais do trabalho na sociedade capitalista e se reflete em seus territórios. Como destaca a autora, as mulheres quilombolas foram as principais articuladoras no processo de autorreconhecimento como quilombolas e, em sua maioria, assumem posições de liderança nas associações.

Consequentemente, na Comunidade Quilombola Cruz da Menina, localizada na zona rural do município de Dona Inês, na região imediata de Guarabira, no estado da Paraíba (IBGE, 2023), é possível observar essas mobilizações femininas. Foram as mulheres quilombolas, especialmente do núcleo familiar Silva, que estiveram à frente do processo de autorreconhecimento da comunidade remanescente de quilombos. Além disso, são elas que lideram a Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombos Cruz da Menina (ACRQCM), transformando essa instituição em um espaço de resistência e empoderamento.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, seguimos a perspectiva do empoderamento resignificado pelo feminismo negro, conforme evidenciado por Berth (2019) como uma formulação estratégi-

ca “de enfrentamento ao sistema racista e criações de redes de solidariedade políticas na luta contra o sistema de opressão” (Berth, 2019, p. 59).

Assim sendo, neste artigo, objetivamos dar visibilidade à atuação política das mulheres negras e quilombolas do território de Cruz da Menina, destacando as atividades por elas organizadas para transformar a realidade de exclusão vivenciada por todas e todos aquilombados. Além disso, enfatizaremos a formulação de um empoderamento feminino por meio de uma ação desenvolvida pela associação, voltada especificamente para mulheres: o grupo de costura “Costurando Raízes”, que tem por objetivo promover a liberdade financeira para as mulheres do território.

2 MÉTODO

A presente pesquisa é de cunho qualitativo e se insere, especificamente, nas abordagens biográficas, por meio do método de História de Vida. De acordo com Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007), esse método foi desenvolvido pela chamada Escola de Chicago, que buscava produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais.

Silva, Barros, Nogueira e Barros (2007), com base em Gaulejac (2005), prosseguem elucidando que o objetivo do método de História de Vida é acessar uma realidade que ultrapassa o/a narrador/a. Assim, a partir da história de vida contada pelo sujeito/a, é possível compreender o universo do qual ele/ela faz parte, permitindo articular a trajetória individual com a trajetória social.

Isto posto, a presente metodologia se desenvolveu em quatro etapas. A primeira etapa consistiu na identificação dos critérios de inclusão e exclusão. Com isso, definimos que nos limitaríamos à coleta de fontes orais de mulheres, pois nosso intuito era contar as trajetórias femininas. Para tanto, mobilizamos e nos aproximamos de seis interlocutoras, com o objetivo de criar um vínculo de confiança, que é a base principal para a metodologia em questão.

Em seguida, foi desenvolvida a segunda etapa, que consistiu na aproximação com as interlocutoras e no agendamento das entrevistas. Utilizamos um roteiro prévio de questões da história de vida das interlocutoras e da história temática, “propondo uma escuta comprometida, engajada e participativa” (Silva; Barros; Nogueira; Barros; 2005, p. 31). A terceira envolveu a transcrição das entrevistas. Optamos por manter a fala original, sem editar as narrativas apresentadas por nossas interlocutoras, a fim de aproximá-las dos leitores e leitoras desta pesquisa. A última etapa foi a análise de conteúdo das entrevistas.

Vale reforçar que a coleta das fontes orais teve início logo após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O projeto foi aprovado em 29 de novembro de 2022, sob o número do parecer 5.782.698. Por isso, algumas entrevistas foram realizadas ainda em 2022, e as demais ocorreram nos primeiros meses de 2023, conforme a disponibilidade das interlocutoras.

Ainda, foi realizada uma entrevista coletiva no dia 11 de fevereiro de 2024, com quatro das cinco interlocutoras, após o exame de qualificação, para esclarecer algumas questões que haviam permanecido abertas na pesquisa. Por fim, destaco que, antes de cada entrevista, foi apresentado

e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, foram explicados os objetivos da pesquisa e a forma de coleta das fontes. Outra questão metodológica que é importante frisar é que, a fim de preservar e evitar conflitos com as nossas interlocutoras, optamos em não citar outras pessoas envolvidas nos eventos.

Enfim, vale pontuar que a pesquisa foi delimitada ao núcleo familiar Silva, composto por participantes assíduas da ACRQCM e/ou que fazem parte do corpo organizacional da instituição como lideranças. Nesse contexto, as interlocutoras desta pesquisa pertencem ao mesmo núcleo familiar Silva e são parentes de primeiro e segundo grau. São elas: Bianca Cristina da Silva Gregório, agricultora, professora, artesã e liderança comunitária; Maria do Socorro da Silva, agricultora aposentada; Marinalva Maria da Silva Teófilo, artesã e servidora pública; Dione Maria da Silva, manicure; e Michele lone da Silva Teófilo, agricultora, artesã e cabeleireira.

É importante destacar que, nesta pesquisa, partimos de um ponto de vista feminista negro (Collins, 2016), que compreende nossa experiência de sermos negras e escrevermos sobre outras mulheres negras. Por isso, as nossas interlocutoras serão apresentadas como personagens centrais nas análises, perpassa pelo aparato conceitual da interseccionalidade (Akotirene, 2019) e do empoderamento (Berth, 2019).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise das fontes, observamos que a Comunidade Quilombola Cruz da Menina, localizada na zona rural do município de Dona Inês, na antiga região do Brejo, atualmente região imediata de Guarabira, no estado da Paraíba (IBGE, 2023), tem, desde a sua gênese, as mulheres como principais articuladoras, especialmente no processo de autorreconhecimento da comunidade negra como quilombola. Para tanto, elas realizaram um trabalho de levantamento de memória e fortalecimento da identidade negra, para que os/as quilombados se aceitassem tanto como negros quanto como quilombolas (Silva, 2022).

A primeira ação pensada em prol da coletividade foi articulada pela liderança comunitária Bianca Gregório, quando ela tinha apenas 12 anos de idade. A ação se desenvolveu após a referida liderança observar que no território havia muitas crianças desnutridas, e era preciso buscar alternativas para mudar a realidade vivenciada. Nesse momento, ela buscou uma parceria com a Igreja Católica, solicitando ao padre que levasse o sopão para o território, a fim de atender as crianças em situação de vulnerabilidade alimentar. Ao todo, foram três anos de atuação da Pastoral da Criança em Cruz da Menina, o que possibilitou que muitas crianças saíssem da desnutrição (Gregório, 2023).

Observamos que o controle do núcleo familiar Silva sobre a presidência da ACRQCM, assumido por essas mulheres quilombolas em 2011, representa um marco no processo de apropriação da instituição como uma ferramenta essencial para as lutas coletivas dentro dos sistemas democráticos (Berth, 2019). Esse fato evidencia que o lugar da mulher negra é onde ela quiser. Prova disso é que toda a diretoria eleita era composta por mulheres: Bianca Cristina da Silva como presidenta, Marinalva Maria Teófilo como vice-presidenta, Cleide Trajano como tesoureira, Dione Maria como secre-

tária, Michele Ione como diretora cultural e, no conselho fiscal, Rosicleide Trajano, Jéssica Maria e Elisângela Manu (Pessoa, 2011).

Após assumirem a presidência da instituição, houve um aumento expressivo no número de associados e associadas, que passou de 45 para 269. Esse crescimento ocorreu após um processo de conscientização junto à comunidade, destacando a importância da instituição na luta pelo bem comum de todos e todas. Deste os associados e as associadas, 95% dos que participam ativamente das tomadas de decisão são mulheres. Sobre as conquistas coletivas, Bianca Gregório (2023) ressalta:

[...] a gente visualiza que foi um avanço para a comunidade foi a gente conseguir, é, através de projetos, é cisternas, né? Pra dar melhoria de vida, né? É das pessoas da comunidade, porque a gente sofria muito com a questão da seca. [...] Além de ter conseguido habitação, né? através da associação, além de ter conseguido também melhorar a questão da assistência por cestas básicas que a gente conseguiu implementar com mais é, uma maior atenção, porque aí a gente conseguiu atender a todos, né? na sua integralidade. E, ainda ajudar outras famílias de fora que não pertença à comunidade. Então, a partir da associação, a gente conseguiu trazer melhorias, conseguiu é pleitear alguns projetos, né? [...].

Por meio de parcerias, a associação sem fins lucrativos da Comunidade Quilombola Cruz da Menina promoveu mudanças sociais no quilombo. Como resultado, foram instalados reservatórios de água no território, totalizando, ao longo dos anos, 81 cisternas. Essa conquista essencial garantiu, finalmente, o acesso à água potável para os/as quilombolas, que, em períodos de seca, precisavam percorrer quilômetros em busca de água. Além disso, foram construídas casas de alvenaria para as famílias que antes viviam em casebres ou moradias de taipa. Observa-se, portanto, que essas conquistas representam não apenas avanços estruturais, mas também uma questão de saúde pública e um direito humano básico, historicamente negado a essa população devido ao abandono do Estado.

Além disso, foi possível atender toda a comunidade quilombola de forma integral, distribuindo cestas básicas, bem como auxiliar pessoas que vivem na cidade e também enfrentam a insegurança alimentar. Tudo isso foi – e continua sendo – viabilizado pela associação, pois como afirma Gregório (2023) “a partir da sua estruturação fica tudo mais fácil, porque não é só uma pessoa, mas um grupo”.

Nesse sentido, a intelectual negra Berth (2019, p. 53) discute a importância dos conselhos de bairros, plebiscitos, consultas prévias e outros espaços como “mecanismos de participação popular na rotina democrática”. É por meio desses espaços que os “grupos oprimidos poderão ter acesso às decisões da vida pública, para além do voto a cada quatro anos” e que se “abrem a via para tantos diálogos e demandas sufocadas” (Berth, 2019, p. 53). À luz dessa reflexão, argumentamos que a ACRQCM se configura como um importante espaço comunitário de resistência, tomada de decisão e empoderamento.

Por fim, cabe ressaltar que as mulheres quilombolas de Cruz da Menina têm enfatizado, além da luta primordial pelo território, a busca por ocupações que garantam autonomia financeira. Teófilo (2022) afirma:

O foco principal que a gente luta hoje, principalmente para ter reconhecimento, pra gente não ser só aquela mulher, só dona de casa, só aquela mulher de casa pro roçado, porque era antes era assim, antes era casa e roçado, hoje é diferente, hoje é casa e trabalho né?

Não tou dizendo que roçado não seja trabalho porque é um trabalho maravilhoso, mas antes só tinha essa visão de roçado, de agricultura. [...] e hoje não, hoje você vai e faz essa etapa também, hoje você diz eu tenho um trabalho, eu tenho um emprego né? Eu sei o que é ter minha liberdade financeira entende? Isso é um orgulho pra uma mulher, no período que a gente vive hoje no século XXI, você morar no quilombo e dizer assim eu tenho a minha liberdade financeira, isso é muito maravilhoso.

Nossa interlocutora destaca que o principal foco da luta atualmente é ampliar as possibilidades para as mulheres do quilombo, permitindo que elas ocupem espaços para além dos papéis historicamente “destinados” a elas, como o de dona de casa ou agricultora. Isso não significa que essas funções não sejam exercidas; na verdade, muitas vezes, elas desempenham múltiplas atividades. No entanto, compreendem que existem outros horizontes possíveis.

Outro ponto fundamental destacado por Marinalva Teófilo é a busca e o incentivo à liberdade financeira das mulheres. Para isso, a associação já promoveu e continua promovendo diversas atividades voltadas especificamente para as elas, como cursos profissionalizantes de pintura, corte e costura. Além disso, fundou o grupo “Costurando Raízes”, no qual as mulheres não apenas produzem peças de costura, mas também debatem sobre as questões que vivenciam no dia a dia.

O grupo Costurando Raízes é uma iniciativa da ACRQCM, voltada exclusivamente para mulheres. Fundado em 2012, um ano após a posse das mulheres quilombolas do núcleo familiar Silva na instituição, o grupo atualmente conta com a participação de 13 mulheres. Observa-se que essa iniciativa se configura como um espaço político fundamental, voltado para a promoção da autonomia financeira das mulheres do território.

Inicialmente, elas confeccionavam apenas peças em crochê. No entanto, atualmente, expandiram suas atividades para a produção de artesanato em barro e para um projeto de ressignificação do tecido chita, como ilustrado na imagem abaixo:

Figura 1 – Vestidos em Chita elaborados pelas mulheres quilombolas de Cruz da Menina



Fonte: Arquivo pessoal de Gregório (2024).

Os vestidos acima foram expostos durante o 37º Salão do Artesanato Paraibano, cujo tema foi “Quilombo, Arte à Flor da Pele”. O evento ocorreu entre os dias 12 de janeiro e 4 de fevereiro, na capital paraibana, João Pessoa (G1, 2024). Na ocasião, a liderança comunitária Bianca Gregório foi homenageada com um painel exibido no evento, trazendo a frase “Reino no Quilombo Cruz da Menina - Dona Inês”.

Além de Gregório, outras interlocutoras também participaram do evento, revezando-se na exposição e na venda dos produtos do quilombo ou auxiliando por um dia. Sobre essa experiência, elas destacaram a importância das vendas e da visibilidade alcançada, com seus produtos chegando, inclusive, a outros países.

Todavia, vale ressaltar o alerta feito por Berth (2019) sobre o empoderamento econômico por meio do empreendedorismo. Segundo a autora, pessoas negras historicamente empreendem não por escolha, mas por necessidade, uma vez que o racismo estrutural as impede de acessar empregos formais. Além disso, vivemos em um contexto de avanço do discurso neoliberal, acompanhado da crescente precarização do trabalho. Por isso, é “[...] fundamental estar atento ao discurso “fácil” do empreendedorismo, que visa, muitas vezes, precarizar ainda mais situações dos trabalhadores, sobretudo para negros e negras [...]” (Berth, 2019, p. 48).

Por outro lado, as pesquisadoras Zanella e Magalhães (2023) destacam que o afroempreendedorismo tem se constituído, para uma parcela significativa da população negra, como um ato de inclusão social. Além disso, tem sido uma forma de criar oportunidades de emprego específicas para pessoas negras, ao mesmo tempo em que fomenta estratégias jurídicas e políticas de enfrentamento do racismo no campo do empreendedorismo (Amartine; Queiroz, 2022). Esse processo se fortalece, sobretudo, por meio da geração de renda que busca estimular o consumo e a circulação do dinheiro dentro da própria comunidade negra, como ocorre no conceito do black money.

Exclusivamente para as mulheres negras, Silva (2023), em suas notas introdutórias, argumenta que o empreendedorismo possibilita a conquista da independência, autonomia e liberdade, permitindo garantir o sustento da família e/ou obter uma renda extra. Além disso, destaca que essa prática “[...] além de ser uma forma de superar as desigualdades de gênero, alcançando assim a sua autonomia e empoderamento tanto financeiro, quanto social” (Silva, 2023, p. 3).

Ao voltarmos nosso olhar para os vestidos, percebemos um elemento marcante da estética elaborada pelo grupo Costurando Raízes: o uso de cores vibrantes, como o amarelo e o vinho, combinadas com as estampas da chita. Na primeira fotografia, o vestido vinho em primeiro plano apresenta uma estampa de chita que remete ao tecido kente, originário dos povos ashanti e ewe, em África. A semelhança se dá pelas “[...] padronagens geométricas complexas montadas a partir das formas básicas do, losango e retângulo, de cores vivas (sobretudo vermelho, verde, amarelo e azul) [...]” (Escorel, 2000, p. 50). Esse tecido, inclusive, tem sido amplamente utilizado como um símbolo de identidade negra.

Os demais vestidos utilizam a chita ao longo de todo o recorte, com estampas de flores grandes ou pequenas, e são enriquecidos com detalhes em crochê. Os saberes e fazeres desenvolvidos no grupo Costurando Raízes dialogam com a moda afro-brasileira, que, segundo a pesquisadora Santos (2022), é uma expressão que se popularizou nas faculdades de moda desde 2010. Caracteriza-se como uma moda contemporânea que carrega em sua essência a luta e a resistência da população ne-

gra. Trata-se de uma estética que emerge “[...] das periferias, vem dos terreiros, vem dos quilombos, vem das marchas e manifestações de resistência negra [...]” (Santos, 2022, p. 37).

Além de todos os saberes orgânicos desenvolvidos no Costurando Raízes, o grupo desempenha um papel político fundamental. É nesse espaço que as mulheres não apenas costuram, mas também refletem sobre as questões de gênero, promovendo debates e fortalecendo suas vozes na luta por autonomia e igualdade:

[...] então a gente está tentando tirar essas mulheres de dentro de casa, pra fazer um momento na associação. Então todo domingo à tarde a gente está se reunindo, pra fazer crochê e conversar sobre as questões sociais, as questões, as dificuldades que as mulheres enfrentam, que elas enfrentam em casa [...] é aqui na comunidade a gente não tem muito essa questão de violência e tal, mas tem algumas opressões, que algumas sofrem, mas é, tá dando pra levar. E assim a gente vem conversando e algumas vezes vem se sobressaindo e tirando aquele medo, de tudo o que fazer, só faz se for com a autorização do marido. E assim a gente viu que evoluiu muito, é esse querer da mulher fazer sem precisar de depender do marido, né? Aí eu vou, eu vou, e pronto, tranquilo. Então, isso é louvado, isso é muito gratificante pra gente ver que a gente tá vendo outras mulheres saindo de suas casas pra fazer algo, buscando algo para sua melhoria, sem precisar depender do esposo (Gregório, 2023).

A liderança comunitária destaca que, aos domingos, tem incentivado as mulheres a saírem de suas casas e se reunirem na associação. O objetivo é criar um espaço onde possam praticar o crochê, conversar e refletir sobre as dificuldades que enfrentam, especialmente no ambiente doméstico e nas relações com seus companheiros. Essa iniciativa evidencia a construção de um espaço seguro (Collins, 2019), um ambiente de acolhimento e apoio mútuo, onde as mulheres fortalecem umas às outras.

Uma das principais mudanças visíveis é o combate às opressões de gênero, sobretudo considerando as interseccionalidades (Akotirene, 2019) que atravessam essas mulheres e também os homens do território, como a raça e a geolocalização. No entanto, enquanto mulheres negras, elas também enfrentam o sexismo dentro do próprio território, imposto pelos homens da comunidade. Compreender essa dinâmica é essencial para fortalecer ações de insurgência e resistência, direcionando estratégias de enfrentamento às desigualdades estruturais.

Portanto, as mulheres negras, quilombolas e de Cruz da Menina vêm transformando a relação com seus companheiros. Antes, viviam sob o medo e a necessidade de pedir autorização para qualquer decisão. Hoje, elas rompem com a submissão imposta pelo machismo e seguem em busca de sua autonomia, afirmando seus desejos e conquistando novos espaços.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Werneck (2010) afirma que as mulheres quilombolas desempenhavam papéis ativos nas organizações e na formulação de estratégias para combater o racismo, o sexismo e o colonialismo. Muitas

delas ocuparam posições de liderança, como Aqualtune, Acotirene, Maria Crioula, entre outras, que foram vítimas dos epistemicídios promovidos pela “história oficial”. No entanto, essas mulheres são, sem dúvida, heroínas de seus quilombos, e suas memórias permanecem vivas na memória coletiva de seus territórios, sendo perpetuadas por suas ações de resistência e luta.

No nosso momento presente, as mulheres negras e quilombolas continuam a dar seguimento aos legados de suas ancestrais, resistindo firmemente em seus territórios. Elas desenvolvem diversas estratégias políticas para transformar a realidade de exclusão e discriminação, reafirmando sua luta por justiça, equidade e reconhecimento.

Neste contexto, percebemos que a principal instituição utilizada como frente de resistência são as associações comunitárias. A Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombos Cruz da Menina se destaca como um espaço político de resistência negra, feminina e quilombola, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento de processos de empoderamento coletivo das mulheres do território, por meio de ações como o grupo de costura Costurando Raízes. Dessa forma, essas mulheres têm acesso a uma renda, o que se reflete também em suas posturas políticas, debatidas de forma afetiva durante o processo de costura. Nessa conjuntura, ao costurarem, elas tecem outras histórias e realidades que escapam da lógica patriarcal, configurando uma mudança política e de empoderamento coletivo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen: São Paulo, 2019. p. 13-150.

AMARTINE, Daniela Nunes de; QUEIROZ, Marcos Vinícius Lustosa. Discutindo o afroempreendedorismo: reflexões sobre o conceito a partir dos casos brasileiro e colombiano. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 18 n. 2, p. 1- 24, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/HhT54GYkGxRN9TG55mKf4GH/>. Acesso em: 6 maio 2024.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen: São Paulo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKfqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEALDINA, Selma dos Santos (org.). **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, 2020.

ESCOREL, Silvia. **Vestir poder e poder vestir:** o tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro - século XVIII). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2000.

MONTEIRO, Karoline dos Santos. **As mulheres quilombolas na Paraíba:** terra, trabalho e território. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2013.

PESSOA, José. Comunidade Quilombola Cruz da Menina tem nova diretoria. **Jornal Folha de Belém.** Disponível em: <https://jornalfolhadebelempb.blogspot.com/2011/08/comunidade-quilombola-em-dona-ines-tem.html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Salão do Artesanato Paraibano funciona a partir desta sexta (12) em João Pessoa. **G1 PB.** João Pessoa, 12 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/01/12/salao-do-artesanato-paraibano-funciona-a-partir-desta-sexta-12-em-joao-pessoa.ghtml>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos. **Moda afro-brasileira é design de resistência da luta negra no Brasil.** São Paulo: FAUUSP, 2022.

SILVA, Adriana Carneiro da. Empreendedorismo negro feminino no brasil: notas introdutórias. Congresso Nacional de Estudantes e Profissionais de Administração. **Anais [...]**, Salvador, 2023. p. 1-11. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/conepa2023/trabalho/312149>. Acesso em: 6 maio 2024.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico:** estudos em psicologia. Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://coletivoepa.pbworks.com/f/historiasdevidametodo.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SILVA, Givânia Maria da. **O Quilombo de Conceição das Crioulas:** uma terra de mulheres – luta e resistência quilombola. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2022.

SILVA, Maria José da. **“Mulheres quilombolas:** trajetórias de luta no território tradicional de Cruz da Menina, Dona Inês- PB”. 2022. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2022.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN.** Curitiba, v. 1, n. 1, p. 8- 17, ma./-jun. 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>. Acesso em: 6 maio 2024.

ZANELLA, Nathalia Karoline de França; MAGALHÃES, Yana Torres de. Empreendedorismo Negro e Black Money. **Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação**, v. 5, n. 3, p. 61-72, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei>. Acesso em: 6 maio 2024.

Recebido em: 3 de Fevereiro de 2025

Avaliado em: 29 de Abril de 2025

Aceito em: 21 de Maio de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces
Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma
licença Creative Commons Attribution-
NonCommercial 4.0 International License.

1 Mestra em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Doutoranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
E-mail: afernanda791@gmail.com

2 Doutora em História Social da Cultura, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Professora do Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Email: emilia.vasconcelos@ufrpe.br

